

PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER

3

VOLUME



PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER

3

VOLUME





O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial do SCISAUDE. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.



LICENÇA CREATIVE COMMONS

A editora detém os direitos autorais pela edição e projeto gráfico. Os autores detêm os direitos autorais dos seus respectivos textos. PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 3 de [SCISAUDE](https://www.scisaude.com.br) está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/). (CC BY-NC-ND 4.0). Baseado no trabalho disponível em <https://www.scisaude.com.br/catalogo/planejamento-e-gestao-em-saude-da-mulher-3/80>

2025 by SCISAUDE

Copyright © SCISAUDE

Copyright do texto © 2025 Os autores

Copyright da edição © 2025 SCISAUDE

Direitos para esta edição cedidos ao SCISAUDE pelos autores.

Open access publication by SCISAUDE

ORGANIZADORES

Me. Iara Nadine Vieira da Paz Silva

<http://lattes.cnpq.br/3158922554159966>

<https://orcid.org/0000-0002-5027-200X>

Dr. Avelar Alves da Silva

<http://lattes.cnpq.br/8204485246366026>

<https://orcid.org/0000-0002-4588-0334>

Esp. Lennara Pereira Mota

<http://lattes.cnpq.br/3620937158064990>

<https://orcid.org/0000-0002-2629-6634>

Dra. Karla Heline Pereira de Mesquita

<http://lattes.cnpq.br/7023779756131558>

Editor chefe

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Projeto gráfico

Lennara Pereira Mota

Diagramação:

Paulo Sérgio da Paz Silva Filho

Lennara Pereira Mota

Revisão:

Os Autores



Conselho Editorial

Ana Flavia de Oliveira Ribeiro	Elane da Silva Barbosa	Juliane Maguetas Colombo Pazzanese
Ana Florise Morais Oliveira	Francine Castro Oliveira	Júlia Maria do Nascimento Silva
André de Lima Aires	Giovanna Carvalho Sousa Silva	Kaline Malu Gerônimo Silva dos Santos
Angélica de Fatima Borges Fernandes	Heloísa Helena Figuerêdo Alves	Laíza Helena Viana
Camila Tuane de Medeiros	Jamile Xavier de Oliveira	Leandra Caline dos Santos
Camilla Thaís Duarte Brasileiro	JEAN CARLOS LEAL CARVALHO DE MELO FILHO	Lennara Pereira Mota
Carla Fernanda Couto Rodrigues	João Paulo Lima Moreira	Luana Bastos Araújo
Daniela de Castro Barbosa Leonello	Juliana Britto Martins de Oliveira	Maria Isabel Soares Barros
Dayane Dayse de Melo Costa	Juliana de Paula Nascimento	Maria Luiza de Moura Rodrigues
Maria Vitalina Alves de Sousa	Raissa Escandiusi Avramidis	Wesley Romário Dias Martins
Maryane Karolyne Buarque Vasconcelos	Renata Pereira da Silva	Wilianne da Silva Gomes
Paulo Sérgio da Paz Silva Filho	Sannya Paes Landim Brito Alves	Willame de Sousa Oliveira
Mayara Stefanie Sousa Oliveira	Suellen Aparecida Patricio Pereira	Naila Roberta Alves Rocha
Michelle Carvalho Almeida	Thamires da Silva Leal	Neusa Camilla Cavalcante Andrade Oliveira
Márcia Farsura de Oliveira		





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Planejamento e gestão em saúde da mulher [livro eletrônico] : 3 volume / organizadores Iara Nadine Vieira da Paz Silva...[et al.]. --
Teresina, PI : SCISAUDE, 2025.
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Avelar Alves da Silva,
Lennara Pereira Mota, Karla Heline Pereira de
Mesquita.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85376-68-6

1. Artigos científicos - Coletâneas 2. Ginecologia
3. Maternidade 4. Mulheres - Saúde mental
5. Multidisciplinaridade 6. Saúde da mulher
7. Saúde pública I. Silva, Iara Nadine Vieira da Paz.
II. Silva, Avelar Alves da. III. Mota, Lennara
Pereira. IV. Mesquita, Karla Heline Pereira de.

25-274892

CDD-613.04244

Índices para catálogo sistemático:

1. Saúde da mulher : Medicina 613.04244

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415



10.56161/sci.ed.20250527



978-65-85376-68-6



SCISAUDE

Teresina – PI – Brasil

scienceesaude@hotmail.com

www.scisaude.com.br



APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que apresentamos o eBook " PLANEJAMENTO E GESTÃO EM SAÚDE DA MULHER 3", uma obra essencial para todas as mulheres que desejam entender melhor o funcionamento do seu corpo, cuidar da saúde e viver de forma plena e equilibrada.

Este eBook foi cuidadosamente elaborado para oferecer informações acessíveis e baseadas em evidências científicas, cobrindo temas fundamentais para a saúde feminina em todas as fases da vida. Desde a puberdade até a menopausa, passando pela maternidade e os desafios do envelhecimento, nosso eBook aborda com profundidade e clareza os principais aspectos da saúde da mulher.

Questões como saúde reprodutiva, prevenção de doenças, bem-estar mental e emocional, nutrição, exercícios físicos e cuidados preventivos são tratados de forma abrangente, permitindo que você tome decisões informadas sobre sua saúde. Além disso, o eBook oferece dicas práticas e orientações que podem ser facilmente integradas ao seu dia a dia, ajudando você a adotar hábitos saudáveis e prevenir problemas futuros.

Queremos empoderar as mulheres com conhecimento, promovendo uma vida mais saudável e feliz. Este eBook é indicado tanto para mulheres que desejam cuidar melhor de si mesmas quanto para profissionais da saúde que buscam aprofundar seus conhecimentos sobre o universo feminino. Com uma linguagem clara e objetiva, ele se torna uma leitura indispensável para quem se preocupa com o bem-estar e a qualidade de vida.

Boa Leitura!!!

Sumário

CAPÍTULO 1.....	9
PLANEJAMENTO REPRODUTIVO E DIREITOS SEXUAIS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA	9
CAPÍTULO 2.....	19
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUA INFLUÊNCIA NA SAÚDE DE GESTANTES E CRIANÇAS: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA.....	19
CAPÍTULO 3.....	28
CUIDADO INTEGRAL E INTERDISCIPLINARIDADE: A FORÇA DAS EQUIPES MULTIPROFISSIONAIS NA SAÚDE COLETIVA.....	28
CAPÍTULO 4.....	39
SAÚDE MENTAL DA MULHER COMO UMA QUESTÃO DE SAÚDE COLETIVA	39
CAPÍTULO 5.....	48
AMOR, SEXO E ENVELHER: UMA EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO TERAPÊUTICO OCUPACIONAL COM IDOSAS INSTITUCIONALIZADAS	48
CAPÍTULO 6.....	63
ENTRE O SOFRIMENTO MATERNO E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: UMA REVISÃO SOBRE DEPRESSÃO PÓS-PARTO	63
CAPÍTULO 7.....	73
JOGO DE TABULEIRO COMO FERRAMENTA DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE SOBRE INCONTINÊNCIA URINÁRIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....	73
CAPÍTULO 8.....	84
PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA MALÁRIA NO ESTADO DO PARÁ- UMA ANÁLISE DOS ANOS 2023 E 2024	84
CAPÍTULO 9.....	94
TENDÊNCIAS DE CESÁRIAS NO ESTADO DO PARÁ DURANTE 2018 A 2023: ANÁLISE POR REGIÃO	94
CAPÍTULO 10.....	101
A REPRODUÇÃO ASSISTIDA COMO ALTERNATIVA PARA A MATERNIDADE APÓS DOENÇA TROFOBLÁSTICA GESTACIONAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	101
CAPÍTULO 11.....	113
ATENÇÃO HUMANIZADA À VINCULAÇÃO MÃE BEBÊ NO CONTEXTO DA AMAMENTAÇÃO: PERSPECTIVAS PARA PRÁTICA EM SAÚDE	113
CAPÍTULO 12.....	125

DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM NO MANEJO DA SÍFILIS GESTACIONAL: REVISÃO DE LITERATURA	125
CAPÍTULO 13.....	140
HORA OURO: OS BENEFÍCIOS DO PRIMEIRO CONTATO ENTRE MÃE E NEONATO.....	140
CAPÍTULO 14.....	160
SUPLEMENTAÇÃO UNIVERSAL DE CÁLCIO PARA GESTANTES NO BRASIL: EVIDÊNCIAS, DESAFIOS E IMPLICAÇÕES	160
CAPÍTULO 15.....	173
ATIVIDADES EXTENSIONISTAS SOBRE SEXUALIDADE, FUNÇÃO, PRÁTICAS E POSIÇÕES SEXUAIS NA GESTAÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA	173
CAPÍTULO 16.....	182
ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE FISIOTERAPIA NAS DISFUNÇÕES SEXUAIS FEMININA	182
CAPÍTULO 17.....	197
ATUAÇÃO FISIOTERAPÊUTICA NA PREVENÇÃO DE LACERAÇÕES PERINEAIS EM PARTO VIA VAGINAL: UMA REVISÃO INTEGRATIVA.....	197
CAPÍTULO 18.....	212
USO DE MEDIDAS NÃO FARMACOLÓGICAS MATEERNAS NO ALÍVIO DA DOR DOS RECÉM-NASCIDOS: REVISÃO INTEGRATIVA	212
CAPÍTULO 19.....	227
USO TERAPÊUTICO DA CURCUMINA NA MELHORA DA ENDOMETRIOSE: UMA REVISÃO	227
CAPÍTULO 20.....	240
AS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO CUIDADO À SAÚDE DA MULHER.....	240
CAPÍTULO 21.....	250
FATORES DESENCADEANTES DO DESMAME PRECOCE NO BRASIL: UMA REVISÃO NARRATIVA	250
CAPÍTULO 22.....	265
ENTRE ESPELHOS PARTIDOS E ALGORITMOS: A INFLUÊNCIA DOS DISCURSOS DA MACHOSFERA NA SUBJETIVIDADE ADOLESCENTE.....	265
CAPÍTULO 23.....	284
METODOLOGIAS DECOLONIAIS NA IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIAS RACIAIS E DE GÊNERO CONTRA MULHERES NEGRAS.....	284

CAPÍTULO 1

PLANEJAMENTO REPRODUTIVO E DIREITOS SEXUAIS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

REPRODUCTIVE PLANNING AND SEXUAL RIGHTS: OPPORTUNITIES AND CHALLENGES IN PRIMARY HEALTH CARE

 **10.56161/sci.ed.20250527C1**

Carla Waleska Gomes de Araújo

Mestrado em Educação e Doutorado pela Estácio de Sá

Layra Christina de Souza Rabelo

Graduanda em medicina pela Faculdade Metropolitana - UNNESA

Emanuelle Ribeiro Lisboa Prasto Martins

Psicóloga pela Unigranrio e Mestranda em Psicologia Social pela Universidade Salgado de Oliveira- Universo

<https://orcid.org/0009-0004-3140-0135>

Bárbara Monique Alves Desidério

Psicóloga Esp. em Neuropsicologia pela Universidade Potiguar e Mestranda em Saúde Coletiva na Universidade Federal do Rio Grande do Norte

<https://orcid.org/0009-0008-7435-0747>

Karen Julianne Frazão dos Santos Iwata

Graduanda em Medicina pela FASEH

Raísha Ciane Dias Marinho

Graduanda em Enfermagem pela Universidade da Amazônia (UNAMA)

<https://orcid.org/0009-0004-1122-9449>

Rhayssa Ferreira Gonçalves Santos

Bacharela em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP e pós-graduanda em Direito Médico e da Saúde pela Faculdade Iguazu

CAPÍTULO 22

ENTRE ESPELHOS PARTIDOS E ALGORITMOS: A INFLUÊNCIA DOS DISCURSOS DA MACHOSFERA NA SUBJETIVIDADE ADOLESCENTE

BETWEEN SHATTERED MIRRORS AND ALGORITHMS: THE INFLUENCE OF MANOSPHERE'S HATE SPEECHES IN ADOLESCENT SUBJECTIVITY

 [10.56161/sci.ed.2025052722](https://doi.org/10.56161/sci.ed.2025052722)

Alice Ferreira da Silva

<https://orcid.org/0009-0008-6270-6937>

Joyce Heloysa da Silva Luz

Profissional-Orientador CRP 02/30741

<https://orcid.org/0009-0009-5147-9123>

Ana Luiza Marques da Silva

Centro Universitário Frassinetti do Recife - UNIFAFIRE

<https://orcid.org/0009-0008-8763-1740>

Hellen Santos do Nascimento

<https://orcid.org/0009-0005-4990-6828>

Ronny Bruno Santana Alves

Centro Universitário Frassinetti do Recife - UNIFAFIRE

<https://orcid.org/0009-0000-1355-7914>

RESUMO

O feminino na contemporaneidade brasileira representa uma intermitente luta por direitos igualitários. Contudo, à medida que a mulher conquista maior espaço social, crescem também as ameaças que a cercam. Para Simone de Beauvoir (1970), não se nasce mulher — torna-se mulher em uma estrutura social que atribui sentidos ao feminino. O presente trabalho visa compreender como os discursos com teor antifeminino disponíveis nos ciberespaços ressoam para os adolescentes em seu processo de construção subjetiva, a partir da teoria psicanalítica, em diálogo com uma análise interpretativa entre ficção e realidade. Utilizou-se uma abordagem qualitativa aliada à revisão bibliográfica narrativa, a fim de construir uma base teórico-conceitual interpretativa. A pesquisa apontou que o adolescente apoia-se em identificações com

modelos idealizados de virilidade, frequentemente construídos como resposta simbólica à falta. Assim, os discursos misóginos reforçam uma suposta superioridade masculina como forma de defesa contra uma masculinidade percebida como ameaçada — frequentemente afirmada por meio da dominação e da violência simbólica. A permissividade e o anonimato presentes nos ciberespaços facilitam a experimentação de situações que, no ambiente físico, não seriam cogitadas, reduzindo a percepção de responsabilidade, tendo como exemplo a prática da misoginia. Com o tempo, pode emergir uma postura marcada pela ausência de empatia, em que, mesmo ciente das consequências de seus atos, o sujeito não se sente afetado por elas. Nessas condições, o desejo de pertencimento pode se sobrepor à ética, normalizando e até valorizando o desrespeito, o individualismo e a indiferença. O sentimento de perda de uma masculinidade idealizada pode ainda ser convertido em agressividade. Diante do protagonismo dos adolescentes nos ciberespaços e da especificidade dessa etapa do desenvolvimento, torna-se fundamental refletir sobre os efeitos psíquicos da misoginia digital na constituição do sujeito.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescente; Feminino; Masculinidade; Teoria Psicanalítica; Violência.

ABSTRACT

Womanhood in contemporary Brazil entails an intermittent fight for equal rights. However, as women achieve more social importance, the threats surrounding the female experience also grow. For Simone de Beauvoir (1970), one is not born a woman — one becomes a woman in a social structure that assigns meanings to this gender. The present work has the goal of understanding how antiwoman speeches available on cyberspaces resonates for teenagers in the process of individuation, according to psychoanalysis, through an interpretative analysis of fiction and reality. A qualitative methodology was executed, along with a narrative literature review, aiming to build an interpretative theoretical-conceptual basis. This research pointed out that male adolescents support themselves on relating to idealized models of manliness, frequently built as a symbolic response to a lack. Thus, misogynist speeches reinforce a supposed superiority of men as a defense mechanism against the perceived threat against manliness --- constantly reaffirmed through dominance and symbolic violence. The permissiveness and anonymity present in cyberspaces make it easy for attempts of situations that, in a physical environment, wouldn't be considered, reducing the perception of accountability and having misogyny as an example. With time, an attitude marked by the absence of empathy can emerge, in which the individual doesn't feel bothered by the consequences of his acts, even though he is aware of them. In these conditions, the desire to belong can surpass ethics, turning disrespect, individualism and indifference into regular things and even things that are deserving of praise. The feeling of loss of an idealized masculinity can yet be converted into aggressiveness. Faced with the protagonism of teenagers in cyberspaces and the specificity of this stage of development, it becomes fundamental to reflect on the psychic effects of digital misogyny in the process of individuation.

KEYWORDS: Adolescent; Feminine; Manliness; Psychoanalytical Theory; Violence.

1. INTRODUÇÃO

O feminino na contemporaneidade brasileira é a representação de uma intermitente luta, marcada por eventos simbólicos ao longo da história como acesso às universidades em 1879, o direito ao voto conquistado pela intensa luta feminista na década de 1920 com a influência crucial de Bertha Lutz e até mesmo a promulgação da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) que visa proteger as mulheres de violências no espaço doméstico, tradicionalmente atribuído como território natural da mulher. Ainda assim, os avanços na luta feminina paradoxalmente se correlacionam positivamente com diversas inseguranças, há medida que a mulher ganha mais espaço na sociedade, maiores são as ameaças que a cercam. Para Simone de Beauvoir (1970), não se nasce mulher, o feminino e seu significante é, portanto, aprendido conforme a mulher se desenvolve em uma sociedade patriarcal na qual o masculino é tido como um ser universal. A mulher em sua representação é “o outro”, definida a partir da alteridade masculina, um sujeito que só existe plenamente em função do homem.

Nesse sentido, o outro (Beauvoir, 1970) que se opõe ao homem universal estabelece que a opressão de gênero não se limita ao campo material, mas também ao simbólico. Com a ampliação das interações sociais e a inserção das tecnologias, o ser humano cria novos espaços de sociabilidade que, por sua vez, atualizam o lugar da mulher “limitada” e objetificada. Os ciberespaços, conceito difundido por Lévy (1999) para se referir às comunidades que se relacionam de forma online, conforme se ausentam do espaço e do tempo, apresentam uma fugacidade para com a realidade e imergem em um universo de anonimato. Essas são características da nova forma de comunicação da pós-modernidade, possibilitando a reconfiguração da misoginia — ódio, preconceito ou desprezo contra mulheres —, essa aversão ao feminino passa para o campo da virtualidade e volta “novamente” a realidade para legitimar uma violência cruel contra as mulheres.

Dentro desse fenômeno, apresentam-se dois casos, um no campo da ficção e o outro no campo da realidade, que foram amplamente comentados quando foram divulgados na sociedade. O primeiro, trata-se da minissérie lançada pela plataforma de streaming Netflix, no ano de 2025, com título em português de “Adolescência”. Enquanto o outro, no que tange a realidade e, nesse caso especificamente, a realidade brasileira, relata a prisão de um jovem de 19 anos, sobretudo, acerca de crimes virtuais envolvendo mulheres.

Desse modo, o presente artigo surge com a problematização de: como os discursos misóginos nos ciberespaços atravessam o processo de subjetivação adolescente? De forma que

seu objetivo principal é compreender como os discursos com teor antifeminino disponíveis nos ciberespaços ressoam para os adolescentes em seu processo de construção subjetiva, a partir da teoria psicanalítica em diálogo com uma análise interpretativa entre ficção e realidade. Seus objetivos específicos visam transcrever como a misoginia presente nas comunidades virtuais se originaram frente a um contexto sócio-histórico perante as relações de gênero, discutir a visão psicanalítica acerca da adolescência como fase do desenvolvimento, em um contexto pós-moderno frente ao crescimento de conteúdos extremistas e autoritários, e associar de forma interpretativa como a ficção reflete e se correlaciona com a realidade, no que tange a violência contra mulheres.

Sendo assim, a necessidade de averiguação da problemática surge pelo aumento de um discurso violento sobre as mulheres nos espaços virtuais, principalmente com a popularização da chamada “*manosphere*” ou “*machosfera*” — que se refere à multiplicidade de núcleos virtuais em que homens se reúnem (fóruns, sites, servidores, etc.) para dialogarem entre si, tendo como forte característica os discursos de ódio às mulheres. Dentre esses grupos, existem canais na plataforma YouTube de influenciadores que propagam abertamente a misoginia, e que somam 3,9 bilhões de acessos até o ano de 2024. Além disso, mais de 68 mil reais foram arrecadados no total de 257 transmissões ao vivo por grupos masculinistas, o que prova a lucratividade dessa massa (NetLab UFRJ, 2024).

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi realizado mediante uma estrutura teórica fundamentada numa abordagem qualitativa, visando fundamentar a dinâmica e a abordagem do problema em estudo. O objetivo é descrever e decodificar de maneira interpretativa os elementos de um sistema complexo de significados, sem se preocupar com a quantificação dos fenômenos, focando na compreensão do contexto em que o fenômeno se manifesta (Gil, 1999). Alinhado a isto, a metodologia de investigação soma-se a revisão bibliográfica narrativa que visa construir uma base teórico-conceitual interpretativa. Essa modalidade permite a produção científica sem se prender a critérios exaustivos e prioriza uma rápida atualização do conhecimento acerca do determinado tema (Cavalcante & Oliveira, 2020, p. 86). Além disso, realiza-se uma ampla interpretação sobre a temática ao articular elementos da ficção e da realidade social com base em um diálogo entre a narrativa ficcional e o caso real.

A análise se âncora na busca de compreender de que maneira os discursos propagados pela “machosfera” podem influenciar na construção da experiência subjetiva de adolescentes. Para tanto, utilizam-se como objetos de análise a série “*Adolescência*” (Netflix), que oferece um recorte ficcional da vivência de um adolescente acusado de esfaquear uma colega de classe e a influência da “machosfera” na contemporaneidade. Outrossim, o caso real de Pedro Ricardo de Conceição, conhecido como “King”, evidenciou práticas sistemáticas de manipulação, coerção e violência simbólica contra adolescentes. Ao assumir uma posição de influência sobre jovens vulneráveis, incentivava a prática de atos ilícitos, tanto financeiros quanto sexuais, chantageava as vítimas com ameaças de exposição pública e utilizava estratégias de constrangimento psicológico para manter seu controle. Esses dois materiais, um ficcional e o outro real, são tomados como dispositivos narrativos que permitem analisar os atravessamentos sociais, simbólicos e psíquicos que configuram a adolescência masculina.

Em complemento, realiza-se uma revisão bibliográfica narrativa de autores que discutem adolescência, subjetivação, violência simbólica e as relações de gênero e poder, como Lacan, Dolto, Bourdieu, Maria Rita Kehl, Maria Homem, entre outros. A busca pelos materiais teóricos foi realizada nas determinadas bases seguras de pesquisa online como Scielo, Pepsic, Google acadêmico e Lilacs, ampliando, também, para o uso de literaturas e mídias digitais abordando os temas selecionados. Os critérios de elegibilidade das buscas foram os seguintes: artigos científicos nos últimos dez anos, publicados em português, disponíveis nas bases de dados elencadas para as pesquisas.

Por conseguinte, essa metodologia permite construir uma base teórica que sustente a leitura interpretativa dos materiais analisados, ampliando o entendimento dos fenômenos sociais que emergem tanto na ficção quanto na realidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comparação entre ficção e realidade somada à revisão da bibliografia forneceu auxílio para a obtenção do resultado como resposta à pergunta problema: os discursos machistas, perpetuados pelos núcleos online, podem exercer influência sobre a subjetivação adolescente através da identificação imaginária. Então, a partir dessa identificação diferentes reflexões e consequências se originam, ramificações como o ressentimento, a agressão e a construção de uma visão de mundo de que a mulher é má.

3.1 AS ORIGENS DA MACHOSFERA E DO DISCURSO ANTIFEMININO

Nos últimos anos, tem-se observado o crescimento de uma comunidade virtual composta majoritariamente (e atualmente) por homens que compartilham discursos de ressentimento frente aos avanços das mulheres na sociedade. Essa rede, conhecida como machosfera (ou *manosphere*, em inglês), é composta por fóruns, redes sociais, servidores e grupos online onde se articulam críticas ao feminismo e narrativas sobre uma suposta crise da masculinidade. Além disso, tal público faz apologia clara à misoginia, racismo, nazismo, niilismo, etc. — com ampla aceitação e sem julgamento de caráter ou ética —, ao qual agem de modo anônimo, visto que não é necessário informações pessoais para a circulação do conteúdo — como, por exemplo, login com email ou informar a idade. A machosfera é heterogênea e abarca diferentes segmentos, como os *MRAs* (ativistas pelos direitos dos homens), *MGTOW* ("*Men Going Their Own Way*", ou Homens Seguindo Seu Próprio Caminho), *PUAs* (*Pick-Up Artists*, ou artistas da sedução) e os *incels* (celibatários involuntários). Apesar de suas diferenças, esses grupos compartilham a ideia de que as transformações sociais, em especial os direitos adquiridos pelas mulheres, desestabilizaram o lugar tradicional do homem, levando muitos deles a tomarem pensamentos individualistas e misóginos (Brunet, 2021).

Apesar da recente popularidade, a origem do movimento, especialmente o dos *incels*, ocorre de forma discrepante de como se comportam atualmente. O termo surge nos anos de 1990, derivado da expressão em inglês celibato involuntário (*involuntary celibate*), e se origina com uma proposta de ser uma comunidade on-line, que em meio ao fim dos anos de 1990, visava congregar pessoas em geral com dificuldades de estabelecer vínculos afetivos e relações amorosas (Ruffo; Costa, 2024). No entanto, com o passar dos anos, esse espaço virtual divergiu de sua proposta inicial e, com o aumento da participação dos homens celibatários, tornou-se um espaço para a expressão de ódio direcionado principalmente ao sexo feminino.

Com o avanço da tecnologia e com o aumento dos ciberespaços, tais comunidades continuaram a expandir até moldarem um comportamento social virtual semelhante, com um vocabulário próprio. Seus vocabulários servem para descrever e classificar, tanto homens quanto mulheres, segundo uma hierarquia rígida e própria. Há o “homem alfa” considerado o ideal: dominante, confiante, bem-sucedido e desejado pelas mulheres. E há o “homem beta”, o oposto do ideal: submisso, emocionalmente vulnerável e frequentemente rejeitado. Em relação

às mulheres, o termo mais emblemático é “*femoid*”, uma junção das palavras *female* (fêmea) e *humanoid* (humanóide). Usado de maneira pejorativa e desumanizante, “*femoid*” indica a ideia de que as mulheres não seriam plenamente humanas, mas sim criaturas programadas para manipular e explorar os homens. As *femoids* são vistas como responsáveis por suas frustrações, já que prefeririam sempre os homens alfas, ignorando os “bons homens” que não atendem a certos padrões estéticos (como massa muscular e formato esquelético do rosto) ou mesmo financeiro. Esse vocabulário interno da machosfera revela uma estrutura simbólica que organiza o mundo a partir de uma lógica de ressentimento, misoginia e idealização de uma masculinidade dominante. Como aponta Nathalia Brunet (2021), essas expressões são mecanismos de coesão entre os membros desses grupos e reforçam uma visão deturpada da realidade, na qual as mulheres são inimigas e os homens devem “recuperar seu lugar” a qualquer custo.

A compreensão dessa comunidade ganha maior profundidade quando analisada à luz de Guy Debord (1968), em *A Sociedade do Espetáculo*, argumenta que, na contemporaneidade, as relações sociais são mediadas por imagens — o que é visível nos ciberespaços da machosfera. Neles, a identidade masculina idealizada, a lógica do desempenho, a estética corporal e os símbolos de sucesso funcionam como espetáculos contínuos, que organizam como os sujeitos se percebem e se relacionam com o mundo. A masculinidade alfa, o desprezo ao beta, e a desumanização das mulheres como *femoids*, são imagens repetidas, propagadas e consumidas como uma verdade. O sujeito se vê, se compara e se constitui em uma lógica de imagem que reduz a experiência humana à aparência e ao valor de mercado sexual.

Dessa forma, a subjetividade do homem contemporâneo é influenciada por essa nova realidade, na qual um espetáculo de si é montado ao passo que se busca o olhar do outro e sua aprovação em forma de reconhecimento grupal. E segundo Kallas (2016), a proteção permitida pelo anonimato, a percepção de ser anônimo, faz os usuários se arrisarem mais, ousarem procurar e vivenciar fantasias on-line, estas que não são permitidas na realidade, porém, são bem aceitas no ciberespaço. Assim, as pessoas são capazes de expressar, em perfis falsos ou não, o lado mais preconceituoso e agressivo de seu ser (Kallas, 2016).

A agressividade nesse contexto pode ser originada a partir de vários âmbitos, mas, segundo a pesquisa de Ruffo e Costa (2024) de título, “Os Incels, a desesperança e a misoginia: um estudo psicanalítico”, constata-se que tal agressividade surge porque esses sujeitos possuem a sensação de serem indesejados, desprezados e sabotados pela sociedade ao seu redor, esta que trabalhava ativamente para mantê-los excluídos das situações sociais. E, ainda segundo Ruffo

e Costa (2024), seus discursos centram-se na impressão de que as mulheres e homens não participantes de seus círculos sociais seriam os responsáveis por este estado de exclusão.

Este cenário de rejeição acerca das expectativas frustradas e da eleição do símbolo da mulher como aquele que leva a culpa, ganham uma nova perspectiva a partir de Maria Rita Kehl, pois, ao se deparar com um estado de infelicidade na vida, o ressentimento faz o sujeito precisar de alguém como depósito de sua culpa (Kehl, 2020). O ressentido é um ator marcante da sociedade contemporânea, que adota uma postura de compromisso com a passividade, ao invés da tomada de ação. Nesse sentido, Kehl (2020) afirma que o ressentimento deve ser entendido como uma paixão, potencializada principalmente pelo desejo — visto que desejar, e simultaneamente reprimir, recusar esse desejo, é uma forma de gozo neurótico. O desejo de vingança surge, então, a partir da frustração do desejo não realizado, conforme Kehl (2020), "a decepção com as promessas não cumpridas". Dessa forma, a agressividade retorna e é refletida na numerosa quantidade de indivíduos que direcionam ódio a mulheres nos ciberespaços, e em alguns casos tem como resultado fenômenos de violência física.

3.2 A SUBJETIVAÇÃO ADOLESCENTE E A VULNERABILIDADE FRENTE AOS DISCURSOS DA MACHOSFERA

O entendimento do que é a adolescência é algo muito recente na história, por muito tempo esse processo funcionava apenas como extensão da infância, fase na qual era introduzida as responsabilidades da adultez abruptamente, como a inserção na economia através do trabalho e sucessão familiar (Ariès, 1960). Embora o adolecer como etapa distinta do desenvolvimento seja algo novo, o processo de subjetivação dessa fase transcende a perspectiva histórica. Nessa construção da identidade, há um processo fundamental que antecede o adolecer, isto é, a formação e estruturação de ego. Para compreender a formação do Eu, é fundamental a menção do estágio do espelho desenvolvido por Lacan (1998), visto que, para o sujeito iniciar sua constituição, precisa reconhecer-se em uma imagem refletida, identificar-se com uma forma ideal de unidade, embora ainda seja fragmentado internamente. Como afirma Lacan: “o estágio do espelho é uma identificação no sentido pleno que a análise confere a esse termo: a saber, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (Lacan, 1998, p. 97). Assim, a construção da identidade é atravessada pela alteridade — mediada pelo olhar do outro. Dessa forma, após estabelecido e estruturado o eu, o sujeito estará pronto para adentrar a adolescência.

Para Françoise Dolto (1990 *apud* Santos, 2013), a adolescência funciona como um segundo nascimento, uma fase tão fundamental quanto os primeiros 15 dias de vida; dependendo da cultura, esse momento pode ocorrer em idades diferentes e ser vivenciado de diversas formas. O que impulsiona de fato a passagem para entrada no estado psíquico da adolescência é a zona de turbulência: mudanças corporais, obstáculos na socialização e o enfrentamento da perda da infância e estabelecimento da identidade, pois até então meninos e meninas são mais semelhantes do que distintos. Sobre essa construção, afirma Dolto:

O Segundo Nascimento – Nascemos, por assim dizer, em duas etapas: uma para existir, outra para viver, uma para a espécie, outra para o sexo. Os que vêm a mulher como um homem imperfeito, sem dúvida estão errados, porém, a analogia externa está a favor deles. Até a idade núbil, as crianças dos dois sexos nada têm de aparente que as distinga: mesmo aspecto, mesmo rosto, mesma tez, mesma voz. Tudo é igual: as meninas são crianças, os rapazes são crianças; o mesmo nome serve para seres tão semelhantes (Dolto, 1990, p. 41 *apud* Santos, 2013, p. 27).

A forma que cada indivíduo irá se construir durante essa fase varia significativamente, alguns passam essa fase com maior resiliência, outros a vivenciam de forma mais vulnerável. Contudo, a maneira que o adolescente vivenciou sua infância também constitui influência, formando uma base para esse processo. Quando, na infância, o sujeito não realiza uma ruptura simbólica com os pais, ou seja, não se separa subjetivamente dessa posição de dependência, não conseguem assim romper com a sua infância e enfrentam ansiedades que marcam o processo e dificultam sua autonomia, mas não a determinam definitivamente. Assim, se o adolescente entra nessa fase com bloqueios e inseguranças — como traumas e um vínculo instável com os pais, há uma tendência de que o processo de subjetivação na adolescência não se estabeleça de forma saudável, resultando em sofrimento psíquico. Isso porque essa etapa do desenvolvimento é um momento instável, a imagem entra em confronto diante da distorção com a realidade: o corpo em transformação, a insegurança diante do desejo do Outro e a fragilidade das referências internas. Diante disso, o adolescente apoia-se nas identificações com modelos de virilidade e força, noções muitas vezes construídas socialmente a fim de restituir a falta. Por isso, os discursos autoritários, como o discurso Incel, se tornam atrativos para adolescentes em busca de identidade, pertencimento e controle.

Segundo Dolto (1990 *apud* Santos, 2013), uma das características da subjetivação adolescente do século atual é o grupo como substituto da autoridade: o jovem que encontra através da sociabilidade uma nova configuração de regras, uma nova autoridade — assim, na atualidade, a adolescência está marcada pela falta de autoridades simbólicas legítimas. Há o esvaziamento do lugar das autoridades simbólicas e o impulsionamento de uma identificação

horizontal, logo, em vez de se ter apenas um lugar de referência que balize o sujeito, têm-se referências múltiplas (Kelles; Lima, 2017). Através da identificação com o grupo, o lugar de referência simbólica na contemporaneidade pode ser ocupado pela internet e pelos ciberespaços. É pertinente, à vista disso, pensar nas comunidades incels, extremismos online e figuras misóginas que atraem garotos adolescentes inseguros — a violência, esta que sempre foi um recurso oferecido ao homem para descarregar suas tensões, agora opera de forma anônima e virtual. Constrói-se, então, um novo universo que os adultos não compreendem, somente os membros dos grupos, e que para eles funcionam como substitutos simbólicos da autoconfiança, da autoridade e de um sentimento de amparo.

A constante exposição a conteúdos que glorificam uma masculinidade ressentida, rígida e misógina, tende a facilitar a construção de uma identidade masculina pautada em ideais hipermasculinos que prometem recuperar um suposto lugar perdido de poder. A função do Outro, que deveria operar como mediação simbólica, é deslocada para algoritmos e fóruns que atuam como supereus digitais, reforçando imperativos de desempenho, competitividade e dominação. Diante disso, a identificação nesse caso deixa de se dar com a falta e com a diferença, e se fixa em imagens idealizadas de virilidade e sucesso masculino — o que Lacan chamaria de identificação imaginária, marcada pela defesa contra o desejo do Outro. Nesse sentido, “o homem, o macho, o viril tal como o conhecemos é uma criação de discurso, nada, pelo menos, do que dele se analise, pode ser definido de outra maneira” (Lacan, 1969/1970, p. 57). Seguindo tal lógica, o discurso Incel é a representação da dor psíquica em forma de violência, diante do sujeito não suportar a não correspondência do desejo.

Os conteúdos de masculinidade ressentida, rígida e misógina, podem ser contemplados, também, pela teoria de Bourdieu (1999), que diz que o discurso misógino é reforçado por um habitus masculino que associa valor social à força, ao desprezo pela vulnerabilidade e à superioridade sobre as mulheres. A violência simbólica, promovida pela machosfera, atua naturalizando essas disposições como se fossem verdades universais, dificultando o acesso a formas mais plurais e éticas de subjetivação. Assim, os efeitos da exposição a esses discursos vão muito além da adesão intelectual: eles possuem uma carga afetiva na participação da constituição da identidade psíquica dos adolescentes, modelando seu desejo, suas referências e seus modos de estar no mundo. Em vez de elaborar as frustrações inerentes ao desejo e às relações sociais, esses sujeitos passam a responder com ressentimento, intolerância e, muitas vezes, com violência — tanto simbólica quanto concreta — como forma de afirmação narcísica e compensatória diante da emasculação.

Nessa perspectiva, a formação do eu e a subjetivação masculina são entendidas como um processo completo que envolve a articulação entre aspectos inconscientes, sociais e simbólicos. Enquanto a machosfera pode ser entendida como um espaço de reforço do habitus masculino tradicional, no qual, jovens que se sentem excluídos do capital simbólico da virilidade buscam nesses discursos uma forma de recuperar prestígio, ainda que isso se traduza em práticas violentas ou reativas. Como consequência, a lógica da dominação é reatualizada em linguagem de "redpill"¹, "alfa" e "betas". Desse modo, a identidade masculina na adolescência é construída numa tensão constante entre ideais imaginários, interdições simbólicas e expectativas sociais, sendo a subjetivação um processo atravessado por disputas inconscientes e históricas. Quando esses ideais são distorcidos e radicalizados, como acontece nos discursos da machosfera, os meninos podem construir formas de ser homem marcadas por uma inflexibilidade e recusa da diferença, buscando afirmar uma masculinidade ameaçada pela via da dominação.

3.3 UMA EXPOSIÇÃO A PARTIR DA FICÇÃO E DA REALIDADE DOS IMPACTOS SOCIAIS NOS JOVENS QUE CIRCULAM PELA MACHOSFERA

O fenômeno dos jovens navegando pelos ciberespaços pode ser compreendido por diversos campos do saber, assim como podem ser expostos diversos exemplos a partir de seus discursos publicados em fóruns e redes sociais. Assim, para expandir o debate, foram selecionados dois exemplos para acrescentar discussão, ambos apresentam em sua constituição aspectos semelhantes entre o fenômeno virtual, os seus discursos lá presentes e os jovens.

O primeiro exemplo a ser abordado é a minissérie britânica *Adolescência*, ou em inglês "*Adolescence*", lançada pelo serviço de streaming Netflix em março de 2025. Pensada por Jack Thorne e Stephen Graham e desenvolvida em quatro capítulos, o público acompanha de forma dramática o desenrolar da trama com o foco em um caso de assassinato. O principal suspeito

¹ A expressão "red pill" tem origem no filme *Matrix* (2007), das irmãs Wachowski, no qual o protagonista (Neo) é convidado a escolher entre duas pílulas: "Você toma a pílula azul, a história termina, você acorda em sua cama e acredita no que quiser. Você toma a pílula vermelha, você fica no País das Maravilhas e eu mostro a você a profundidade da toca do coelho". Na machosfera, essa metáfora foi ressignificada para representar um "despertar" ideológico: as mulheres não seriam vítimas, mas sim manipuladoras, interessadas apenas em homens bem-sucedidos e fisicamente atraentes.

de tal crime é o protagonista, um garoto de 13 anos chamado Jamie Miller, protagonizado pelo ator Owen Cooper. A proposta dos produtores foi explorar pontos de vistas diferentes do mesmo objeto, dessa forma, durante os episódios da série, o foco não se detém apenas no protagonista. Os roteiristas informam que a proposta não era tornar a obra um enigma, mas sim um porquê e mencionam, mais de uma vez, o objetivo de propor um momento de reflexão aos telespectadores, indicando, ainda, que apesar da particularidade, tal situação pode não ser uma realidade distante para aqueles que assistem. Além disso, Jack Thorne acrescenta a esse discurso dizendo, “Porque essa é a realidade do que está acontecendo no mundo” (NetflixPortugalOfficial, 2025), referindo-se à vulnerabilidade dos adolescentes na modernidade e a presença constante destes em espaços virtuais.

Sendo assim, o primeiro episódio introduz ao telespectador a trama da série, isto é, a questão do crime cometido e o potencial suspeito, Jamie Miller, surpreendido com a invasão dos policiais a sua residência. No segundo episódio, o foco é os arredores do protagonista, como seu ambiente escolar, para ilustrar e incluir o meio social de ambos — suspeito e vítima, e como a situação afeta, subjetivamente, outros sujeitos. No terceiro episódio, o foco volta novamente a Jamie enquanto vive sua detenção no centro de jovens ao passo em que aguarda o processo judicial de seu julgamento. O episódio de uma hora debruça-se inteiramente na última entrevista entre a psicóloga que o acompanha para fazer a construção do seu parecer psicológico e o próprio adolescente. Por fim, o episódio quatro aborda o estado emocional da família de Jamie, retratando o estado emocional fragilizado de seus integrantes.

Todos os episódios fornecem um grande recurso para a análise, no entanto, é importante destacar momentos específicos do episódio três, por ser nele em que o jovem se posiciona a partir de seu próprio discurso, mostrando sua visão de mundo à psicóloga. Inicialmente, em meio a conversa, ela indaga o adolescente acerca de questões sobre sua visão de masculinidade e feminilidade e suas interpretações sobre o que é ser um “homem”. Tal indagação abre margem para pensar que o objetivo da psicóloga é compreender onde se localizam as identificações de Jamie e como, alicerçado nas identificações primárias, Jamie estruturou sua concepção sobre os gêneros. É possível perceber a partir de sua fala:

Estou interessada no que é ser um homem para você. [...] É uma questão muito ampla, né? [...] Por isso, é mais útil deixar a conversa fluir e guiá-la um pouco para: “O que

você acha do seu pai e do seu avô?” “Que tipo de homem acha que eles são?”. Em vez de dizer, “Então, Jamie, o que você acha que é ser um homem?” (Netflix, 2025).²

Neste questionamento, a psicóloga tenta fazer Jamie retornar a sua compreensão de identificação com o Outro. Identificação esta que pode ser interpretada, assim, pelo conceito do estádio do espelho de Lacan apresentado previamente. Isto porque, durante a vivência da fase de desenvolvimento “estádio do espelho”, a construção da identidade é mediada pelo olhar do outro, um outro semelhante antecessor do sujeito, a qual fornecerá uma imagem para o sujeito constituir a sua própria (Kelles; Lima, 2017). Por outro lado, na adolescência, o sujeito irá se deparar com a inconsistência estrutural do Outro e com a falta, e irá se movimentar para outro campo de identificação. Neste campo de identificação, principalmente para Jamie, um adolescente do sexo masculino, esse lugar é marcado pelo símbolo masculino, como imagens idealizadas de virilidade e sucesso. Um exemplo a ser mencionado é como, ao ser perguntado se seu pai é amoroso consigo, Jamie responde que não, e que isso é estranho, assim como questiona de volta a psicóloga se há algo de errado em ter apenas amigos homens.

A visão dicotômica de Jamie sobre homens e mulheres não se encerra na identificação constitutiva da adolescência, ela se estende no envolvimento do personagem com discursos da comunidade incel, apontado por Katie em uma postagem no Instagram. Apesar de negar fazer parte de tais comunidades, Jamie mostra concordar apenas com um dos conceitos criados pelos incels, a lógica 80-20, que segundo o próprio adolescente, “(...) é que 80% das mulheres se interessam por 20% dos homens. Acho que nisso eles tem razão”. Porém, é importante ressaltar que apesar de afirmar não ser parte dessas comunidades da machosfera, os discursos de Jamie se correlacionam com as ideias que circulam nesses espaços, principalmente a agressividade advinda da sensação de serem indesejados e desprezados, e a rejeição acerca das expectativas frustradas — o ressentimento, como mencionado anteriormente. Essas ideias podem ser sintetizadas a partir de uma única fala de Jamie, na qual ele diz:

Ela era escrota. Até você percebeu. Devia ter matado ela, mas eu só... Eu só... Eu só... [...] Eu só... Eu chamei ela pra sair depois da foto. Disse que sentia muito pelo que tinham feito, vazado os peitos dela. Os seios. E chamei ela para ir ao parque. Então, achei que ela ia estar frágil ou... Achei que ia estar frágil, então... Porque todo mundo estava chamando ela de vadia, de reta ou sei lá o quê. Eu achei que, estando frágil assim, talvez ela gostasse de mim. Fui esperto, não acha? [...] Você acha ela uma escrota. Né? Por fazer tudo isso. Uma escrota que faz bullying. Ela era mesmo, né?

² Tradução oficial da fala da personagem retirada do episódio três da série *Adolescência*, de 2025.

Aí é que está. Naquela noite, eu não toquei nela. Podia ter tocado, mas não toquei. Eu... Eu tinha uma faca, ela ficou com medo. Mas não fiz nada. Podia ter tocado onde eu quisesse. Eu queria muito, mas não fiz. Eu só... Outros garotos teriam tocado nela. Sou melhor do que os outros. Não acha?" (Netflix, 2025)³.

Assim como proposto por Bourdieu (1989), esse tipo de discurso, um discurso misógino, reforça à superioridade perante as mulheres ao passo que busca defender-se de uma possível emasculação pela afirmação da masculinidade, essa por meio da dominação e da violência simbólica. Ou seja, por mais que o discurso de Jamie se presentifique na realidade e não em um ciberespaço da machosfera, a semelhança de sua fala recorda os posicionamentos dos incels que, sentindo-se desprovidos de virilidade e buscando recuperar seu prestígio, apresentam-se em uma linguagem e prática violenta ou reativa.

Por outro lado, o segundo exemplo é o caso de Pedro Ricardo Conceição e retrata uma situação real que aconteceu no Brasil no ano de 2023. Pedro Ricardo Conceição da Rocha é um adolescente de 19 anos, conhecido nos ciberespaços pelo apelido de “King”, tradução do português “rei”. King era relativamente conhecido na Internet, principalmente em meio as plataformas Discord e YouTube. Seu canal no YouTube, “kingssw1”, tem cerca de 13 mil inscritos até o momento, com 6 vídeos publicados. No Discord, o adolescente foi criador de um servidor chamado “SystemX”, visando ser um local para circulação de conteúdos de animação japonesa e também para interações de relacionamentos virtuais (conhecidos como *webnamoros*) — tal informação é retirada de seu vídeo de título “DISCORD E O FIM DAS SUBCOMUNIDADES... (fim das panelas)”. Tanto nesse vídeo quanto em outro de título “EXPOSED DO YOUTUBER MAIS HIPÓCRITA DA PLATAFORMA... (Mistério TV)”, o jovem afirma sempre ter estado ativo pelo Discord, membro de “panelas”, isto é, grupos e servidores, e alerta diversas vezes acerca do fluxo de conteúdos criminosos na plataforma, como pornografia infantil, ameaças e “*doxing*”, no caso, vazamento de dados pessoais. Por conta disso, no seu último vídeo lançado, no dia 28 de junho de 2023, com o título “EXPLICANDO COMO EU AJUDEI A PRENDER OS PEDÓFILOS DO DISCORD...”, Pedro, por desaprovar a circulação desse tipo de mídia, decide denunciar às autoridades os crimes que lá ocorrem, e com isso, explica detalhadamente como foi o processo para entregar à polícia tais conteúdos. Segundo Pedro, a criação de um grupo chamado OPSEC, ou Organização Paneleira de Segurança, foi a peça fundamental para alcançar seu objetivo de fiscalizar infrações cometidas.

³ Tradução oficial da fala do personagem retirada do episódio três da série *Adolescência*, de 2025.

Recentemente eu fundei um grupo chamado OPSEC, que é a abreviação de Organização Panelreira de Segurança. A gente tem o objetivo de reparar e fiscalizar alguns crimes e delitos cometidos por pessoas no Discord, e isso inclui até os meus erros. Eu me considero panelreiro até hoje, mas eu cometi erros enquanto era dono da *SystemX* e a gente também tá fazendo de tudo pra limpar (Kingssw1, 2023).

Além desse recorte, é importante mencionar outro momento que ocorre durante o vídeo, em que um dos jovens que Pedro conversa faz uma ameaça direcionada ao adolescente. O jovem diz “Oh, King, se liga então, fica esperto comigo porque eu vou te mandar pra cadeia”. O rapaz responsável por essa fala é Vitor Hugo Souza Rocha, conhecido como o "Verdadeiro Vitor", e foi detido no dia 7 de junho do mesmo ano. Com a posse do material, a prisão de Vitor foi determinada (G1, 2023).

O recorte da fala de Vitor Hugo Souza é importante porque, apesar de ter sido preso antes da publicação do vídeo de Pedro, a sua ameaça ainda se concretiza. E então, em julho de 2023, a polícia busca Pedro Ricardo Conceição em sua residência com um mandado de prisão, chegando, inclusive, no meio de uma gravação ao vivo. O trecho foi disponibilizado pelo G1 e na gravação é possível ouvir a conversa, ao que Pedro diz já saber do mandado de busca e apreensão e esperava os policiais. No entanto, fica surpreso frente a declaração de prisão feita pelos policiais, dizendo não fazer sentido.

Já estava esperando vocês. Inclusive, mãe, a mensagem que eu te mandei era justamente para avisar isso. Eu já sabia do mandado de busca e apreensão que eu ia levar. Mas vocês vão me conduzir até a delegacia? [...] Eu tô preso? Por quê? Isso não faz sentido (G1, 2024).

Segundo o G1 do Rio de Janeiro, a Justiça do Rio condenou Pedro Ricardo Conceição da Rocha a 24 anos de prisão pelos crimes de associação criminosa, estupro qualificado e coletivo, estupro de vulnerável e corrupção de menores. Ainda segundo o site G1, que teve acesso ao relatório da investigação, as investigações mostraram que adolescentes eram chantageadas e constrangidas a se tornarem escravas sexuais dos chefes desses grupos, e Pedro seria responsável por monetizar a exibição dos crimes no servidor do Discord, cobrando ingressos para telespectadores assistirem às transmissões com cenas de violência.

A exposição do caso de King pode se relacionar, principalmente, a vivência de um espaço intermediário entre a realidade, o Pedro Ricardo Conceição da Rocha que existe por trás

do computador, e a imaginação, a pessoa idealizada conforme seus desejos, o King, criador da *SystemX* e da OPSEC. No entanto, como afirma Kallas (2016), a permissividade dos ciberespaços possibilita a experimentação de situações arriscadas que não seriam cogitadas na realidade, e com isso, há também menor percepção de responsabilidade devido ao anonimato. Com a sensação de proteção da privacidade e com a certificação de ser anônimo, as situações experimentadas podem escalar ao nível da hostilidade e da violência, a exemplo da situação exposta, como chantagear e constranger mulheres para se tornarem escravas sexuais, além de as expor e monetizar com seu sofrimento. O sofrimento é curtido através da internet (Kallas, 2016) e a desumanização das mulheres é um espetáculo de imagens repetidas, propagadas e consumidas, além de serem ações naturalizadas, pois, conforme o G1, os crimes pelo qual King responde ocorreram entre agosto de 2021 e março de 2023.

Por fim, não é possível apontar com certeza quais conteúdos o adolescente consumia, porém, como foi dito acima por Françoise Dolto (1990 *apud* Santos, 2013), a construção de uma identidade na adolescência opera pela identificação com o grupo. Diante de um contexto subjetivo vulnerável, como a vivência da adolescência, a falta do Outro e a perda de referenciais simbólicos dada a modernidade, a identificação é deslocada deste Outro para os algoritmos e fóruns, como supereus digitais, reforçando imperativos de desempenho, competitividade e dominação. Para King, que diz sempre ter sido de “panelas” — ou seja, de grupos no Discord —, sua subjetividade foi exposta aos discursos das figuras centrais dos servidores, como os “paneleiros” (administradores dos grupos, ainda que não sejam necessariamente os criadores das páginas). Mesmo sabendo da circulação de conteúdos criminosos e do perigo dos discursos extremistas, como avisa em seus vídeos, o adolescente não abandona a convivência nesse meio e passa de ser apenas um membro de “panelas” para ser o criador de um servidor. A compreensão que se pode obter sobre sua conduta é que busca nesse ambiente de convívio, não apenas uma sustentação simbólica, mas também a pretensão de atuar como um “supereu digital”, como mencionado anteriormente, e a exemplo disso, dominar e controlar os discursos de outros integrantes e até mesmo expondo o que em seu ponto de vista é o correto.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa produção acadêmica visou, por meio de uma exposição de ficção e realidade, alicerçado em uma metodologia de revisão bibliográfica, contribuir para o entendimento das

nuanças e atravessamentos presentes na subjetividade dos adolescentes, que os fazem serem seduzidos e recrutados pela retórica Incel. A partir da problemática “como os discursos misóginos nos ciberespaços atravessam o processo de subjetivação adolescente?”, é possível perceber que o sentimento da masculinidade perdida e o ressentimento dessa dor constituem uma perigosa brecha na qual a tristeza pode ser olhada por um prisma de agressividade. E, com a identificação coletiva e a sensação de pertencimento, uma lógica grupal sobrepõe-se; assim, as comunidades virtuais presentes no ciberespaço passam a ser lidas pela necessidade de valorização e reconhecimento. O que leva, muitas vezes, os adolescentes a reproduzirem seus discursos violentos e práticas danosas apenas para serem aceitos. Com o tempo, pode surgir uma postura marcada pela apatia emocional e pela ausência de empatia, em que mesmo tendo consciência das consequências de seus atos, o sujeito não se sente afetado por elas. Nessas condições, o ideal de pertencimento se sobrepõe à ética, criando um ambiente em que o desrespeito, o individualismo e a indiferença são normalizados e até valorizados. Considerando o público majoritário que compõe os ciberespaços, os adolescentes, torna-se essencial refletir sobre a especificidade dessa fase do desenvolvimento. Por ser um período marcado por intensas transformações físicas, psíquicas e sociais, por vivências afetivas instáveis, experiências inesperadas e a dualidade entre realidade e imaginário, podem gerar sentimentos de exclusão, inadequação e solidão no adolescente.

Portanto, o presente trabalho pretendeu contextualizar brevemente o fenômeno dos ciberespaços e da machosfera, além de introduzir a concepção psicanalítica sobre a adolescência e relacionar como a machosfera, presente nos ciberespaços, pode impactar as relações sociais dos adolescentes. A importância de ter realizado esse estudo reside no fato de que a compreensão é o primeiro passo para se armar na luta contra qualquer problemática, e a pesquisa contribui para a sociedade nessa direção. Além disso, pode-se pensar em novas oportunidades e ideias para futuras investigações referentes ao tema, como a experiência do isolamento na adolescência, vivida em quartos fechados. Refletir de que forma é possível garantir que está se fazendo o certo quando à construção da masculinidade é atravessada pelo silêncio e pela ausência de referências que não são marcadas pela agressividade. O desafio não se encontra apenas em evitar que jovens sejam “capturados por discursos extremistas da internet”, mas em compreender o que os levou até lá, que espaços têm sido negados e que ausências os tornam prováveis a aderirem uma ideologia que promete pertencimento em troca da adesão à violência.

5. REFERÊNCIAS

ADOLESCÊNCIA. Produção de Jack Thorne e Stephen Graham. Londres: NETFLIX, 2025. 4 episódios (229 min).

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: experiência vivida**. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRAGA, Nathalia Brunet Cartaxo. **A semiótica psicanalítica dos celibatários involuntários**. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

BRASIL. Lei Nº 11.340. (2006). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2006]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 07 jul. 2025.

CAVALCANTE, Livia Teixeira Canuto; OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto. **Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos**. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v26n1/v26n1a06.pdf> Acesso em: 7 jul. 2025.

DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. **Rio de Janeiro: Contraponto**, v. 102, p. 85-102, 1997.

DIAS, Pâmela. Misoginia monetizada: canais do YouTube ligados à 'machosfera' lucram com conteúdo de ódio às mulheres. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 abr. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2025/04/14/misoginia-monetizada-canais-do-youtube-ligados-a-machosfera-lucram-com-conteudo-de-odio-as-mulheres.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2025.

FREIRE, Felipe. COELHO, Henrique. Justiça condena homem que criou grupo no Discord para estupro de vulnerável. **G1**, Rio de Janeiro, 04 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/07/04/justica-condena-homem-grupo-discord-estupro-vulneravel.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. **O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise**. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 38, n. 71, p. 55-63, jun. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jul. 2025.

KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. Boitempo Editorial, 2020.

KEHL, Maria Rita. **O ressentimento chegou ao poder**. Revista Serrote, 2020.

KELLES, Natália Fernandes; LIMA, Nádia Laguárdia de. **Adolescentes no ciberespaço: uma reflexão psicanalítica.** Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 202-233, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em : 05 jul. 2025.

KINGSSW1. **DISCORD E O FIM DAS SUBCOMUNIDADES... (fim das panelas).** YouTube, 25 de maio de 2023. 1 vídeo (7:53 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wi6mITg8V1k>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

KINGSSW1. **EXPLICANDO COMO EU AJUDEI A PRENDER OS PEDÓFILOS DO DISCORD....** YouTube, 28 de junho de 2023. 1 vídeo (10:02 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WeThduFKSlk&t=9s>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

KINGSSW1. **EXPOSED DO YOUTUBER MAIS HIPÓCRITA DA PLATAFORMA... (Mistério TV).** YouTube, 15 de março de 2023. 1 vídeo (14:01 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n79btdf28aE>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise.** 1969-1970. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

NETFLIXPORTUGAL. **Adolescência | Nos Bastidores | Netflix.** YouTube, 18 de março de 2025. 1 vídeo (12:5 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2O2V9r8vGc8>. Acesso em: 07 de julho de 2023.

RUFFO, Emanuella dos Santos. COSTA, Paulo José da. **Os Incels, a desesperança e a misoginia: um estudo psicanalítico.** Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades, Vassouras, v. 15, n. 3, p. 259-271, set./dez. 2024. Acesso em: 5 jul. 2025.

SANTOS, Rita Cristina. **Ensaio sobre a(s) Juventude(s) e a(s) Adolescência(s).** Clínica & Cultura, v. 2, n. 2, p. 25-42, 2013. Acesso em: 27 jun, 2025

TOMAZ, Kleber. ZANCHETTA, Diego. **G1, São Paulo, 27 jun. 2023.** Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/06/27/videos-universitario-presos-que-chamou-meninas-de-vagabundas-estupradores-diz-que-cursa-direito-trabalha-com-games-e-ganha-r-7-mil.ghtml>. Acesso em: 07 jul. 2025.